

Autoritarismo como agente do esquecimento: uma breve análise da repercussão da obra “Os que bebem como os cães” de Assis Brasil nos jornais Opinião, O Pasquim e Jornal do Brasil na segunda metade da década de 1970

Authoritarianism as an Agent of Forgetting: A Brief Analysis of the Reception of Assis Brasil’s “Os que bebem como os cães” in the Newspapers “Opinião”, “O Pasquim”, and “Jornal do Brasil” in the Second Half of the 1970s

Cláudia Cristina da Silva Fontineles

Bolsista em Produtividade Científica CNPq, Professora Associada da Universidade Federal do Piauí (Departamento de História, Pós-Graduação em História e Pós-Graduação em Ciência Política). Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Mestre em Educação pela Universidade Federal do Piauí. Licenciada em História e em Pedagogia, Graduada em Direito pela Universidade Estadual do Piauí.

Maria Vitória Sousa dos Reis

Acadêmica do curso de Licenciatura em História na Universidade Federal do Piauí – UFPI, bolsista PIBIC/CNPq. Pesquisa História Política e Social, com ênfase no debate sobre política externa.

Resumo: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa de iniciação científica que tem como finalidade analisar a receptividade da imprensa a obras com conteúdo que se relacionavam ao contexto de repressão e violência no período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985) a partir da obra do literato parnaibano Assis Brasil. Pretende-se analisar a repercussão na imprensa nacional, a partir de três jornais, sendo eles *Opinião*, *Jornal do Brasil* e *O Pasquim*, após a publicação e circulação da obra “Os que bebem como cães”, publicada na década de 70. Busca-se demonstrar como a imprensa da época, mesmo tendo a sua liberdade de expressão reprimida, ainda conseguia compartilhar conteúdos que denunciavam os acontecimentos do cenário político e social, em que tortura foi utilizada como instrumento de manutenção de uma falsa ordem social, que se caracterizava pela ausência de direitos políticos e sociais dos cidadãos, configurando-se as repressões física e psicológica como mecanismos que promovem o apagamento da experiência vivida pelos sujeitos. Dessa forma, a obra de Assis Brasil se insere na discussão ao trazer, por meio da literatura, alusão às experiências históricas dos sujeitos que sofreram com a perseguição, suspensão de direitos civis, e violências causadas pelos agentes do Estado.

Palavras-chave: Assis Brasil. Ditadura Militar. *Os que bebem como cães*.

ABSTRACT: This work is the result of an undergraduate research project aiming to analyze the press reception of works whose content was related to the context of repression and violence during the Brazilian Military Dictatorship (1964–1985), focusing on the work of writer Assis Brasil, from Parnaíba. It seeks to analyze the impact on the national, from three newspapers, namely *Opinião*, *Jornal do Brasil* and *O Pasquim*, press following the publication and circulation of the novel *Os que bebem como cães* (“Those Who Drink Like Dogs”), published in the 1970s. The objective is to demonstrate how the press at the time, despite having its freedom of expression suppressed, still managed to share content exposing political and social events—a period in which torture was used as an instrument to maintain a false social order characterized by the absence of citizens’ political and social rights, with physical and psychological repression acting as mechanisms that erased subjects’ lived experiences. Thus, Assis Brasil’s work enters this discussion by using literature to evoke the historical experiences of individuals who suffered persecution, the suspension of civil rights, and violence perpetrated by state agents.

Keywords: Assis Brasil. Military Dictatorship. *Os que bebem como os cães*.

INTRODUÇÃO

Os anos de 1964 a 1985 representam para a história brasileira a expressão da fragilidade à qual os direitos, advindos do regime democrático, estão sujeitos. Nesse período as instituições democráticas se viram dominadas pelo setor golpista militar, em que ao longo do regime retirou os direitos políticos e sociais de cidadãos, partidos políticos, da imprensa e de qualquer um que ousasse questionar o governo autoritário. Mais especificamente tratando do cenário social e político da década de 1970, no qual a pesquisa se concentra, a referida década se via ainda sob forte atmosfera do Ato Institucional nº 5 (AI-5), considerado o mais repressivo e duradouro dos atos institucionais o qual garantia a supremacia do Poder Executivo sobre os demais poderes, além de manter suspensas as garantias constitucionais. O Congresso foi fechado, passando o presidente, general Costa e Silva, a governar ditatorialmente. Foi suspenso o habeas corpus para crimes contra a segurança nacional, e todos os atos decorrentes do AI-5 foram colocados fora da apreciação judicial.

Contudo, é nesse contexto que Assis Brasil tem seu livro *Os que bebem como os cães* publicado no cenário nacional. O livro logo desperta a atenção do meio literário, sendo enunciado e comentado em matérias direcionadas à discussão de assuntos relacionados à literatura produzida por escritores da área, em jornais que reservavam seções aos assuntos que envolviam arte, cultura, música e literatura.

Dessa forma, o presente trabalho busca evidenciar a repercussão que a obra de Assis Brasil obteve após sua publicação nos jornais da época, por entender que o conteúdo abordado no livro se insere como uma forma de demonstrar os aspectos e as dimensões a que o cotidiano sociocultural e político estava sujeito diante das medidas de ordem estipuladas pelo governo autoritário da época. Naquele momento, ainda sob a égide de uma violência institucionalizada e com milícias armadas, ambas utilizando a violência, como, por exemplo, a tortura, para reprimir qualquer manifestação de luta e expressões que pregassem a liberdade, antes garantida pelos direitos constitucionais e pelas subjetividades

Assim, o trabalho conta com uma metodologia que buscou compreender o período a partir da leitura de nomes clássicos da História Social e Política como José Murilo de Carvalho, Daniel Aarão Reis e Lilia Moritz Schwarcz. Contando também com discussões que tratam da História da Imprensa e Literatura. Além disso, outro ponto importante para a elaboração do tema se baseou na busca de fontes em conhecidos jornais da época como *Jornal do Brasil*, *Opinião* e *O Pasquim* por meio do acervo disponibilizado no site da Hemeroteca Digital Brasileira, de responsabilidade da Fundação Biblioteca Nacional. Assim sendo possível elucidar como a obra foi apresentada por esses jornais de grande circulação popular, chamando atenção para o fato do conteúdo trazido na obra.

OS QUE BEBEM COMO OS CÃES NA MÍDIA

Nesse contexto, a década de 1970 ainda se encontrava sufocada pela pressão autoritária. Com isso, apesar da contradição criada naquele momento pelo próprio governo da época, que após decretar o estado de sítio e as medidas inconstitucionais, já comentadas anteriormente, entenderam que para diminuir a pressão popular e tomar o controle da narrativa acerca da administração pública precisavam estar alinhados com órgãos que dessem conta de transmitir os

planos de governo e as medidas de cunho desenvolvimentista, que posteriormente terão estudos historiográficos que desmascaram a farsa da propaganda de progresso e desenvolvimento socioeconômico ditadas pelo regime e reforçado nos jornais que se alinhavam ora por compatibilidade com os interesses militares ora para garantir concessões relacionadas aos interesses dos editores, como esclarece Marcos Napolitano:

Por conta desta trajetória sinuosa e cheia de alternativas em relação ao regime que ajudaram a construir, mas ao mesmo tempo coerente com os valores ideológicos que lhes pautavam – herdeiros de um liberalismo elitista e oligárquico – os jornais brasileiros constituem uma fonte e um objeto historiográfico ricos e instigantes. Não apenas porque permitem mapear a posição do campo liberal em seus diversos matizes em relação ao regime militar, mas também porque traduzem processos complexos e sutis de construção de memória social sobre o período (Napolitano, 2017, p. 348).

Dessa forma, entendendo a situação em que estava inserido a posição dos jornais do referente período, sendo focado a segunda metade do decênio de 1970, pode-se ter a compreensão do modo como os jornais elaboravam os anúncios, junto com os comentários acerca das obras, que neste momento tratando de obras mais críticas acabava passando pela crivo do departamento de censura, em que muitos jornais essa revisão era feita por militares implantados para analisar o que poderia ou não ser publicado, mas para evitar que os militares fizessem essa censura os próprios jornais já faziam essas análises sendo chamada a posteriori de autocensura.

Barbosa e Rego (2003) apontam que a censura, durante o regime militar, alcançava diferentes dimensões da vida cultural brasileira e colocava os meios de comunicação sob controle do Estado, que determinava aquilo que poderia ou não chegar ao público. Esse controle também se manifestava de maneira direta no cotidiano das redações, conforme destacam os autores:

Os famosos bilhetinhos encaminhados aos jornais com ordens expressas para que não se publicasse determinadas notícias, os telefonemas recebidos e que se transformaram em memorandos dos chefes de redação e de reportagem aos seus subordinados atestam, pela documentação escrita, a dura realidade cotidiana da imprensa brasileira nos anos de chumbo. Durante o regime militar, vários foram os órgãos da imprensa submetidos às teias da censura. Mas havia ainda as ações de autocensura, como alerta Kucinski (2002). (Barbosa; Rêgo, 2023, p. 72).

Diante desse cenário, muitos jornais da época acabavam, para se proteger de ações punitivas como o fechamento do jornal e a perseguição de seus funcionários, principalmente, de jornalistas e redatores, priorizando posturas mais contidas tanto nas temáticas abordadas quanto nos comentários feitos. Com isso, quando se trata dessa produção jornalística não se pode deixar de trazer, para além dos temas que tratavam apenas dos assuntos envolvendo as estruturas do poder político, o jornalismo literário, que também travava críticas às dimensões culturais, políticas e sociais da sociedade de sua época, se tornando um importante meio, ao longo do tempo, de resistência e preservação de memória social. E que no período da ditadura, por mais que as restrições impostas pela censura tenham provocado o que alguns autores chamam de autocensura, o que fez com que muitos escritores usassem outros elementos narrativos para expor suas críticas sobre a repressão, violência, liberdade e outros aspectos que

dessem a entender que tratavam da realidade concreta do cenário brasileiro, o jornalismo literário permitiu que o debate acerca do momento em que viviam não fosse esquecido e muito menos normalizado, como os militares pretendiam, assim usando a ficção literária para pensar o cotidiano. Tendo contribuído, ainda, não só para a reflexão do contexto de uma temporalidade, mas como recurso da memória que possibilita, mesmo sem pretensão de dar um fim a si mesma, o que de fato se consta do passado, que para Paul Ricoeur (2007) “para falar sem rodeios, não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declarássemos lembrar dela”.

Nessa perspectiva, tem-se os jornais *Opinião*, *O Pasquim* e *o Jornal do Brasil* que podem ser entendidos como o “testemunho que constitui a transição entre a memória e a história” Paul Ricoeur (2007), ao escolher trazer em suas seções, até em pequenas matérias, a recomendação para leitura o livro *Os que bebem como os cães*, do escritor piauiense Assis Brasil, já conhecido naquele período por suas obras e suas análises críticas pelos muitos jornais pelos quais passou. A obra de Assis Brasil faz parte de um conjunto de denúncias produzidas por escritores da época para se manifestar diante dos acontecimentos de violência, censura, perseguições e supressão dos direitos previstos na Constituição antes do golpe. Ao tratar do livro, fazendo um curto resumo, a obra aborda a história do personagem principal, Jeremias, que ao se perceber aprisionado e sofrendo com constantes formas de agressão, procura a todo custo tentar recuperar a memória e apreender a sua identidade, seu contexto social e os motivos que o levaram ao encarceramento.

Contudo, para melhor compreender o porquê é chamada atenção para a leitura dessa obra, para além desses elementos já mencionados, é que a obra vai revelando ao leitor, ao passo que esse adentra a leitura e acompanha a jornada de Jeremias para recuperar a memória; entender quem são seus algozes; onde se encontra e porque se encontra naquela situação; que durante a narrativa quando vai recordando sobre seu passado o personagem descobre que era professor, tendo sido preso durante uma aula, além dos detalhes expressados por Jeremias, ainda no início do livro, em que ele se encontrava em uma espécie de prisão e que seus agressores, por mais que não desse para ver seus rostos, pois lhe obrigavam a manter a cabeça baixa sob sua presença, são remetidos à figura de militares, como expresso no seguinte trecho “[...] caminhava de botas, cadenciado, num ritmo definido, como se estivesse numa parada militar.” (Brasil, 1975, p.14).

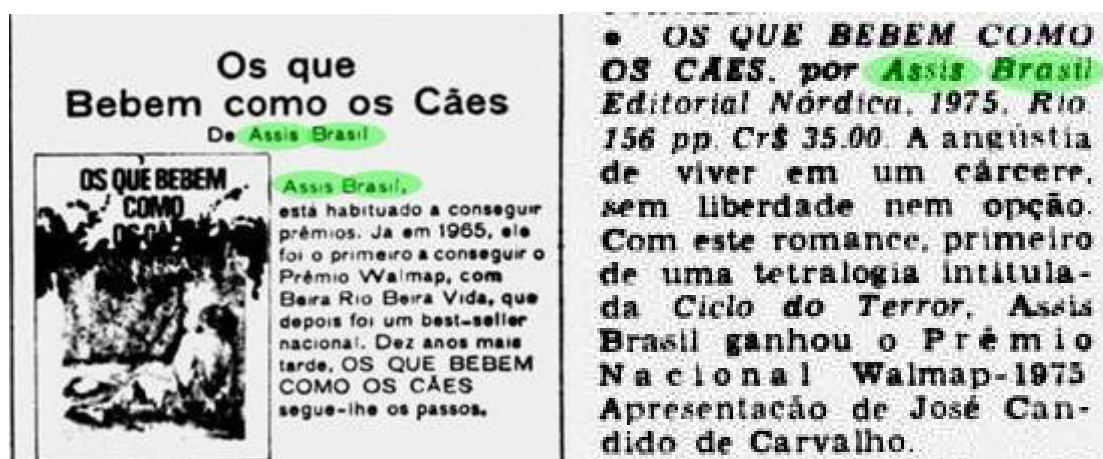
A obra também se caracteriza pela narrativa psicológica que Brasil faz de seu personagem ao destacar, a todo momento, a forma como se encontra ou o que o protagonista está pensando sobre si ou sobre o lugar onde está encarcerado. Todavia, o mais importante que se pode tomar, de acordo com a temática aqui trabalhada, é que os métodos de tortura, antes de mais nada, ficcionais ou não, consistem na ruptura da autonomia que o sujeito tem de si mesmo e dificultando, conseqüentemente, sua capacidade de dar sentido ao ambiente em que está inserido. Nesse sentido, Ricoeur (2007, p. 108) afirma:

“é à memória que está vinculado o sentido da orientação na passagem do tempo, orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para a frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo.” (Ricoeur, 2007, p. 108).

A partir dessa perspectiva, o esquecimento, no contexto da violência, pode ser compreendido como uma forma de ruptura da relação do sujeito com suas próprias experiências e com a construção de sua memória. Essa dimensão se torna especialmente significativa na obra *Os que bebem como os cães*, em que a tortura psicológica aparece associada não apenas à violência física, mas também à tentativa de desarticular as referências que permitem ao personagem reconhecer a si mesmo e compreender a realidade que o cerca. Como sugere o próprio título da obra, a experiência de violência e desumanização atravessa a trajetória do personagem durante o período em que permanece encarcerado.

A força dessa narrativa também contribuiu para o reconhecimento de Assis Brasil no campo literário. Pela obra “*Os que bebem como os cães*”, o autor recebeu, pela segunda vez, o Prêmio Walmap, em 1975, após já ter sido premiado em 1965 por *Beira rio, beira vida*, situando esse reconhecimento no mesmo período histórico investigado neste trabalho.

Assim, os referidos jornais contribuem para que o livro ganhe não só notoriedade como também ajude a esclarecer as faces do turbulento período. Suponha-se aqui que alguns jornais da época, mais especificamente os jornais aqui utilizados, mais especificamente se tratando da imprensa comercial, se limitavam a apresentar uma análise mais profunda sobre o conteúdo do livro, por vezes apenas o recomendado por repetidas vezes, em suas seções reservadas a novidades e leituras consideradas essenciais. Assim, era o caso do Jornal do Brasil que como demonstrado nas imagens (*figura 1,2,3 e 4*) o recomendou por algumas vezes.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Brasil, Jornal do Brasil 6 de dezembro de 1975, p.8.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Brasil, 16 de dezembro de 1975, p.17.

As imagens permitem observar que, nas seções analisadas, os jornais apresentavam um resumo do conteúdo das obras, estratégia que pode ser compreendida, a partir de Michel de Certeau (1980), como uma das “táticas” utilizadas para driblar a vigilância estabelecida.

Na *Figura 3*, essa dinâmica pode ser observada de maneira mais evidente. Ao anunciar que Assis Brasil havia conquistado o Prêmio Walmap pela segunda vez, o crítico Hélio Pólvora também chama atenção para a censura institucional, ao destacar a atuação do Ministério da Justiça na proibição da circulação de determinadas obras sob a justificativa de apresentarem conteúdo pornográfico. Segundo Pólvora, entre os livros proibidos também estavam obras relacionadas à política e à sociologia.

Figura 3: Comentário de Hélio Pólvora

Fausto Cunha. Assis Brasil ganhou pela segunda vez o Prêmio Walmap. Houve muitos outros prêmios literários, dos quais, em sua maioria, nem é bom falar. Ah, eu lá esquecendo: o Ministério da Justiça, até o dia 20, retirou de circulação 138 livros por atentarem contra "a moral e os bons costumes". Uma enxurrada de pornografia e, no meio, algumas obras válidas de política e sociologia, censuradas, é claro, para não contaminarem o país.

Os escritores brasileiros continuam queixosos, mas nem por isso menos atuantes. Houve de tudo numa literatura bastante copiosa e esforçada, inclusive alguns títulos de razoável e boa qualidade.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Brasil Jornal do Brasil, 30 de dezembro de 1975, p.7)

No jornal *Opinião*, o livro também recebeu destaque na matéria de Flávio Moreira da Costa, intitulada "Apesar de tudo, foi uma boa safra". O título da matéria sugere uma avaliação positiva da produção literária do período, mesmo diante do contexto de instabilidade social e política. Na matéria, ao responder à pergunta do escritor Eduardo Portella sobre a existência de novidades na literatura ficcional brasileira, Flávio Moreira da Costa afirma que a produção literária apresentava novos aspectos e destacava autores de diferentes estados brasileiros. Entre os exemplos mencionados, encontra-se o escritor piauiense Assis Brasil e sua obra *Os que bebem como os cães*.

Figura 4: Trecho da matéria de Flavio Moreira citando obras de Assis Brasil

ção); do Piauí, embora morando no Rio, é Assis Brasil, de *A Revolta dos Órfãos* (Artenova) e *Os que bebem como cães* (Nórdica); do

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Brasil Opinião, 2 de janeiro de 1976, p.19.

Contudo, a obra de Assis Brasil também foi alvo de críticas negativas na imprensa. No mesmo jornal, Wilson Nunes Coutinho, em matéria intitulada "Saudades de Graciliano: o novo romance de Assis Brasil" (*Figuras 5, 6 e 7*), apresenta uma leitura crítica da obra, sugerindo que ela poderia ser uma versão atualizada de *Memórias do cárcere*. Na matéria, o crítico destaca alguns aspectos que considera problemáticos no romance, classificando-os como "suporte existencialista", "paixão inútil" e "cansativas repetições". No primeiro caso, segundo Coutinho (2026), a narrativa não esclarece adequadamente o que leva o personagem à prisão, deixando em aberto sua denúncia social. No segundo, o crítico questiona a tentativa do autor de conduzir o personagem à reflexão sobre si mesmo durante sua experiência existencialista, considerando que esse recurso não contribui para compreender as razões que o levaram à prisão.

Figura 5: Trecho “Suporte existencialista”

Suporte existencialista – O que nos atormenta é, sucessivamente, a perda de liberdade, o cotidiano absurdo e o destino supostamente injusto, o que, pelos temas relacionados, me deixou bastante intrigado pelo fato de ser só supostamente injusto. A ideologia que, suponho, deve abarcar os quatro livros é uma mistura de denúncia social sustentada por um suporte existencialista. Ao menos o primeiro livro desta tetralogia de Assis Brasil assume esta ideologia de produção.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Brasil, Opinião 16 de janeiro de 1976, p.22.

Figura 6: Trecho “Paixão inútil”

Paixão inútil – O personagem é um professor de arte, preocupado com as relações arte/real, e que, talvez por motivos políticos, está preso. Ele se indaga sobre o homem como se este fosse uma composição renascentista: esta coisa grande e sublime, mas que precisa ser seguidamente restaurada. É desolador, por exemplo, ver um personagem preso perguntando se o homem é ainda uma paixão inútil. Coisa de Sartre pelos cafés de Saint-Germain na *belle époque* do humanismo.

Depois, imagino que nas prisões se pense o homem com *h* minúsculo, na mesquinharia do cotidiano e nas reais contradições de habitar um espaço pequeno e policiado. Mas o professor de arte do romance de Assis Brasil dedica-se a delicadezas humanísticas, o que lhe permite não ver nenhum homem concreto na prisão. Esta

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Brasil, Opinião 16 de janeiro de 1976, p.22.

Figura 7: Trecho “Cansativas repetições”

Cansativas repetições – Diante da atualidade e grandeza do tema, Assis Brasil escolheu a monotonia estilística quando os romances sobre prisões, é notável, não são nada monótonos. Como as prisões-fetiches são vazias, sobra apenas a necessidade de preenchê-la com cansativas repetições de frases e de cenas. Ninguém duvida que as prisões são lugares onde o tempo é controlado e o adjetivo *dantesco* pode ser empregado, digamos, apropriadamente em cada cela. Mas quando se encarcera um personagem numa prisão-fetichismo surgem, inevitavelmente, problemas. Talvez a intenção do autor fosse passar para os leitores o óbvio: um livro monótono reproduz melhor, tecnicamente, o controle do tempo, do corpo e da liberdade que sofrem os prisioneiros.

Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Brasil, Opinião 16 de janeiro de 1976, p.22.

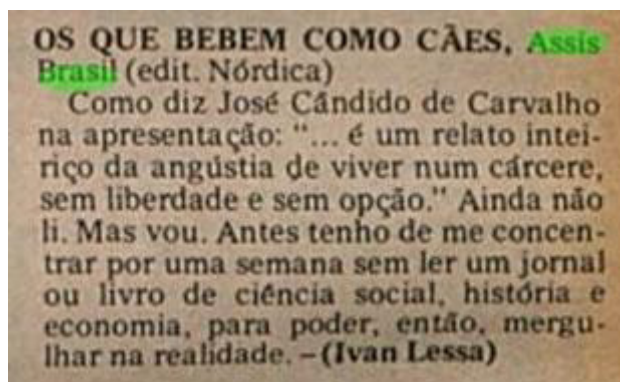
A partir dessa perspectiva, a crítica de Wilson Nunes Coutinho estabelece uma comparação entre a narrativa de Assis Brasil e a de Graciliano Ramos, sobretudo no que se refere à representação do cárcere e do contexto de repressão. Para o crítico, a obra de Assis Brasil não desenvolve uma narrativa sobre a experiência carcerária com a mesma coerência atribuída à escrita de Graciliano Ramos, uma vez que, em sua avaliação, a prisão e o contexto repressivo não são suficientemente desenvolvidos na narrativa.

Além dessas críticas, a análise da imprensa da época permite observar a atuação de veículos que assumiram posições de enfrentamento ao contexto ditatorial. Nesse período, a chamada imprensa alternativa constituía espaços de produção e circulação de discursos que se diferenciavam da grande imprensa, especialmente pela crítica à censura e às práticas autoritárias. Como destaca a fonte consultada:

O fato é que a imprensa alternativa surgiu com o desejo dos diversos grupos das esquerdas de protagonizar as transformações que propunham e a busca, por jornalistas e intelectuais, de espaços alternativos à grande imprensa e à universidade. Nas audiências públicas, destacou-se a precisão e importância das denúncias das violências impostas à população, a irreverência dos temas tabu, o vínculo direto aos movimentos sociais, o desafio à censura e a ousadia dos integrantes que, mesmo perseguidos, resistiram em seu papel (Comissão da Verdade do Estado de São Paulo “Rubens Paiva”, 2015)

Com isso, o jornal O Pasquim traz em sua recomendação do livro a obra de Assis Brasil, trazendo um comentário do jornalista e também escritor, José Cândido de Carvalho. E afirmando logo depois que para ler teria que se abster das notícias antes de adentrar na realidade, uma curiosidade ainda surge do fato da obra está ao lado do pôster de divulgação do filme O Grande Ditador de Charlie Chaplin, filme que representa, em forma de sátira, uma crítica ao regime do ditador Adolf Hitler.

Figura 8: Trecho do jornal *O Pasquim*.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional- Brasil, Opinião 16 de janeiro de 1976, p.22.

Tanto o jornal *O Pasquim* quanto o jornal *Opinião* ocupavam um lugar importante no cenário jornalístico da época, constituindo espaços de resistência ao regime autoritário e de circulação de discursos que tensionavam a censura. Por meio da sátira, da literatura e de diferentes formas de manifestação, esses jornais contribuíam para denunciar aspectos da realidade política e social do período. Nesse sentido, a chamada imprensa alternativa reunia diferentes movimentos e sujeitos que, mesmo diante das restrições impostas pelo aparelho estatal, encontravam nesses espaços possibilidades de expressão e resistência. Assim, esses jornais também se constituíam como espaços nos quais sujeitos vinculados a diferentes movimentos poderiam dar continuidade às suas formas de atuação e enfrentamento ao regime.

Nesse sentido, a chamada imprensa alternativa reunia diferentes movimentos e sujeitos que, mesmo diante das restrições impostas pelo aparelho estatal, encontravam nesses espaços possibilidades de expressão e resistência. Kucinski aponta que:

Muitos dos intelectuais colaboradores da imprensa alternativa pertenciam às gerações que viveram a queda do nazi-fascismo e do Estado Novo. Já os jornalistas e ativistas políticos eram mais jovens, forjados em sua maioria na matriz dos movimentos estudantis do final da década de 1960, passando alguns pela luta armada e pelas prisões. A eles, juntaram-se os focas, recém-formados, das escolas de comunicação dos anos de 1970. A prática alternativa fez deles companheiros de jornada (KUCINSKI, 1991, p.19).

Desse modo, muitos desses jornais disputavam espaço com a imprensa comercial da época, que, em determinados casos, evitava assumir posições de oposição ao regime. Essa postura não estava necessariamente relacionada à atuação dos jornalistas, mas às políticas administrativas dos grandes jornais, que buscavam preservar sua posição comercial e garantir a própria continuidade. Além disso, alguns desses veículos mantinham relações de financiamento com o regime, o que também contribuía para limitar sua atuação diante do contexto político. Entretanto, a emergência da imprensa alternativa durante o regime militar não pode ser compreendida apenas a partir de seu caráter de oposição ao governo. Seu surgimento também está relacionado à ampliação das possibilidades de produção jornalística, permitindo a utilização de diferentes conceitos e estilos para abordar a realidade e os problemas sociais do período. Para Kucinski:

A ditadura, entretanto, não foi a única razão de ser da imprensa alternativa. Nem a ditadura podia sozinha explicar a riqueza do fenômeno alternativo, a diversidade de suas manifestações ou a tentativa, conforme Ana Maria Nethol, de criar todo um 'modelo ético-político', com formas e estratégias próprias, que se confrontaria com o sistema dominante muito mais no campo permanente da tentativa de construção de uma contra hegemonia ideológica do que no campo conjuntural da resistência à ditadura. (Kucinski, 1991, p.19).

Então, uma vez demonstrado o papel da imprensa, em seus diferentes pólos, e as distintas formas de atuação dos jornais e da própria mídia no período, esta discussão pode ser encaminhada para a relação entre a imprensa literária e a obra *Os que bebem como os cães*. Nesse sentido, é possível compreender a produção literária como um importante instrumento para a construção da historicidade dos sujeitos, além de constituir um recurso de comunicação capaz de registrar, por meio da ficção, aspectos da realidade social. Por sua aproximação com a imprensa, a literatura pode alcançar diferentes sentidos e perspectivas, tornando-se também um elemento importante para compreender diferentes dimensões da história.

Além de evidenciar as formas pelas quais os sujeitos se inserem e produzem sentidos em determinado contexto histórico, a literatura possibilita observar o passado, compreender o presente e refletir sobre o futuro. Nesse sentido, tanto a obra de Assis Brasil quanto os jornais, críticos e pesquisadores mobilizados nesta análise estabelecem uma relação com a história brasileira ao registrarem diferentes experiências de luta em torno de um direito fundamental da sociedade: a liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, ao trazer o livro como uma leitura recomendada, especialmente considerando o potencial de circulação do jornal e o público leitor que alcançava, pode-se interpretar que a presença da literatura de Assis Brasil buscava aproximar os leitores de aspectos do contexto social e político vivido naquele período, sobretudo daqueles que poderiam não ter acesso direto a outras formas de discussão sobre a realidade nacional. Diante do cenário social e político e da narrativa apresentada pela obra, sua circulação nos periódicos analisados pode ser compreendida para além de uma simples sugestão de entretenimento ou de formação estética, assumindo também uma dimensão de intervenção no debate político. Nesse contexto, a ficção funcionava como uma possibilidade de evidenciar contradições de um regime que se apresentava como promotor da ordem e do desenvolvimento, ao mesmo tempo em que era marcado pela repressão, pela violência e pela perseguição aos seus opositores.

A escolha e a circulação da obra, nesse sentido, revelam a possibilidade de explorar os limites impostos pela censura e de utilizar a linguagem literária como forma de abordar questões que dificilmente poderiam ser apresentadas de maneira direta. A literatura, por meio de seus recursos narrativos e de sua dimensão simbólica, permitia apresentar experiências relacionadas à repressão política, despertando no leitor possibilidades de reflexão sobre a realidade vivida naquele momento. Dessa forma, a recepção de *Os que bebem como cães* pelos periódicos analisados demonstra como a literatura poderia participar das disputas de sentido existentes naquele contexto histórico.

Em suma, a análise da repercussão de *Os que bebem como cães* nos periódicos *Opinião*, *Jornal do Brasil* e *O Pasquim* evidencia o papel da literatura e da imprensa como espaços de circulação de discursos de resistência durante a Ditadura Militar brasileira. A pesquisa demonstra que, mesmo diante da censura e da supressão das liberdades individuais, os jornais da época encontraram diferentes possibilidades para repercutir obras que abordavam experiências relacionadas à repressão. Essas possibilidades não se restringiam aos recursos formais, como resenhas, entrevistas e charges, mas também envolviam dimensões simbólicas, uma vez que ressignificavam o ato de ler como uma prática capaz de estimular a reflexão crítica sobre a realidade social e política.

A obra de Assis Brasil, portanto, inseriu-se no conjunto de materiais produzidos e discutidos por esses jornais não apenas como um objeto literário, mas também como uma produção que permitia abordar aspectos relacionados à violência institucionalizada pelo Estado. Ao apresentar, por meio da ficção, experiências de tortura, interrogatórios e medo, o romance estabelecia uma relação com acontecimentos e experiências vivenciados por sujeitos perseguidos durante o regime militar. Nesse sentido, a narrativa literária possibilitava que determinadas experiências históricas fossem inscritas no campo da memória e alcançassem diferentes leitores por meio da circulação da obra e de sua repercussão na imprensa.

Além disso, o trabalho ressalta a relevância da escrita do literato parnaibano ao confrontar discursos relacionados ao apagamento da memória e à normalização da violência durante o período ditatorial. Ao ficcionalizar experiências relacionadas à tortura, à suspensão dos direitos civis e à perseguição política, o autor inscreveu na narrativa situações vivenciadas por sujeitos submetidos à repressão. A literatura, nesse contexto, pode ser compreendida como um espaço de preservação de experiências que poderiam ser silenciadas ou apagadas pelo discurso oficial associado à ordem social e ao desenvolvimento econômico.

A imprensa, ao acolher e discutir essa produção literária, contribuiu para ampliar a circulação dessas representações e para colocá-las em contato com diferentes leitores. Os periódicos estudados, cada qual marcado por sua linha editorial e por seu público específico, apresentaram diferentes formas de abordagem da obra, mas convergiram na possibilidade de utilizar a produção cultural como espaço de reflexão sobre o contexto político. Dessa maneira, a literatura e o jornalismo constituíram campos importantes de disputa de sentidos, nos quais a palavra escrita poderia assumir também uma dimensão de resistência diante das limitações impostas pelo regime.

Por fim, esta investigação de iniciação científica reitera a importância de continuar discutindo as relações entre literatura, imprensa e autoritarismo no Brasil, especialmente a partir da recuperação de materiais produzidos e publicados durante a Ditadura Militar. Resgatar a recepção crítica de *Os que bebem como cães* na década de 1970 contribui para a preservação da memória sobre aquele período e para a compreensão das formas pelas quais escritores, jornalistas, críticos e outros sujeitos utilizaram os espaços culturais disponíveis para produzir e fazer circular discursos sobre a realidade política e social.

Dessa forma, a pesquisa possibilita compreender como a narrativa de Assis Brasil foi recebida pelos jornais de seu período e como sua circulação estabeleceu possibilidades de reflexão que poderiam alcançar diferentes setores da sociedade civil. Além disso, permite observar a atuação de diferentes sujeitos, especialmente escritores e jornalistas, que mobilizaram seus

espaços de atuação, seja por meio de suas obras, seja por suas intervenções jornalísticas, em torno de uma reivindicação fundamental: o direito de pensar por si mesmos.

Assim, compreender as formas de denúncia, circulação e sobrevivência cultural desenvolvidas durante o período ditatorial permanece fundamental para analisar os processos de resistência e de produção de sentidos em contextos autoritários. A articulação entre diferentes campos da cultura, como a literatura, o jornalismo, as artes visuais e a música, demonstra que as formas de expressão podem constituir espaços de denúncia, reflexão e resistência. Nesse sentido, o estudo da circulação de *Os que bebem como cães* e de sua recepção pelos periódicos analisados permite compreender como a literatura participou das disputas em torno da memória, da liberdade e da interpretação da realidade brasileira durante a Ditadura Militar.

Por meio dessa perspectiva, a pesquisa reforça a importância de preservar e analisar as produções culturais vinculadas a períodos de repressão, uma vez que elas possibilitam compreender não apenas as formas pelas quais o autoritarismo procurou controlar a circulação de discursos, mas também as estratégias encontradas por escritores, jornalistas e demais sujeitos para produzir sentidos sobre a realidade vivida. A literatura e a imprensa, nesse contexto, constituíram espaços nos quais a palavra pôde permanecer como instrumento de reflexão e de resistência, estabelecendo uma relação entre memória histórica, liberdade de expressão e participação social.

REFERÊNCIAS

COSTA, Flávio Moreira da. Teve de tudo, até debate público: o ensaio predominou. Opinião: Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1976, p.19. Disponível em: [BNDigital](#). Acesso em: 31 de jul. 2026.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. E-book. ISBN 978-65-5802-052-3.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. (3ª ed.) Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.

COUTINHO, Wilson Nunes. Saudades de Graciliano: o novo romance de Assis Brasil poderia ser uma versão atualizada de 'Memórias do cárcere'. Mas não é. Opinião: Rio de Janeiro, Opinião 16 de janeiro de 1976, p.22. Disponível em: [BNDigital](#). Acesso em: 29 de jul. 2026.

KUCINSKI, Bernardo. A primeira vítima: a autocensura durante o regime militar. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (org.). **Minorias silenciadas**: história da censura no Brasil. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado; Fapesp, 2002, p. 533-551.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Página Aberta, 1991.

PÓLVORA, Hélio. Teve de tudo, até debate público: o ensaio predominou. Jornal do Brasil: Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1975, p.7. Disponível em: [BNDigital](#). Acesso em: 29 de jul. 2026.

NAPOLITANO, Marcos. *A história política do golpe de 1964 e do regime militar: balanços e perspectivas*. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 16, n. 42, e0301, set. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5965/2175180316422024e0301> (doi.org in Bing). Acesso em: 29 jul. 2026.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PÓLVORA, Hélio. Teve de tudo, até debate público: o ensaio predominou. *Jornal do Brasil*: Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1975, p.7. Disponível em: [BNDigital](#). Acesso em: 29 de jul. 2026.

SÃO PAULO (Estado). **Comissão da Verdade “Rubens Paiva”**. *Relatório – Tomo I – Parte III – Imprensa de resistência à ditadura*. São Paulo: Comissão da Verdade “Rubens Paiva”, 2014. Disponível em: <www.verdadeaberta.org>. Acesso em: 29 de jul. 2026.

Schwarcz, L. M. (2019). **Sobre o autoritarismo brasileiro** São Paulo, SP: Companhia das Letras.